

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Heloísa de Souza Afonso

Conflitos na Educação Infantil



UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Heloísa de Souza Afonso

Conflitos na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito para concluir o curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Orly Zucatto

Mantovani de Assis.

Afonso, Heloísa de Souza, 1994-
Af66c Conflitos na educação infantil / Heloísa de Souza Afonso. – Campinas, SP :
[s.n.], 2017.

Orientador: Orly Zucatto Mantovani de Assis.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Conflito (Psicologia). 2. Mediação de conflitos. 3. Educação infantil. 4.
Construtivismo (Educação). I. Assis, Orly Zucatto Mantovani de, 1939-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

“Assim como é de cedo que se torce o pepino, também é trabalhando a criança que se consegue boa safra de adultos. ”

Monteiro Lobato

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso aborda os diferentes tipos de teorias sobre conflitos e tem seu enfoque para os que ocorrem na Educação Infantil com o objetivo de identificar como o professor deve intervir nessas situações. Apoiase em estudos de autores que trataram do tema conflito na sociedade e na escola, e vale-se dessas análises para compreender como os conflitos são interpretados pelos pesquisadores e pelos profissionais que atuam na área da educação, que foram submetidos a perguntas relacionadas ao assunto para a realização desta pesquisa. O conflito é referido pelos autores como construtor de ideias e relações sociais válidas para o desenvolvimento moral dos alunos, de modo que o papel do professor deve ser mediar a resolução dos conflitos que surgem de modo que seja benéfico para todos envolvidos. Por outro lado, para os profissionais atuantes na educação, o conflito é visto como algo desfavorável e prejudicial para suas práticas em sala de aula.

Palavras-chave: Conflitos, Educação Infantil, Intervenção, Educação construtivista.

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1 3

Teorias sociais e definições de conflito

Capítulo 2 7

Teorias sobre conflitos na escola

Capítulo 3 17

Impressões de professores sobre os conflitos na escola atual

Capítulo 4 24

Análise dos resultados da pesquisa na escola atual: uma mudança de olhar.

Considerações finais 27

Referências 29

Introdução

Esse trabalho foi desenvolvido com objetivo de identificar o papel do professor de Educação Infantil na mediação de conflitos dentro da escola, através de estudos e pesquisas em materiais que abordam o tema de resolução de conflitos interpessoais, e diálogos com profissionais atuantes na educação, tendo em vista obter conclusões atuais e proveitosas para o cotidiano escolar e até mesmo para a vida em geral.

Acredita-se que o professor é uma pessoa de referência na escola, e por isso suas atitudes devem ser estudadas e selecionadas para que a partir delas surtam efeitos positivos que possam tornar o ambiente escolar harmonioso e prazeroso. Quando falamos de conflitos, principalmente com as crianças pequenas, precisamos nos recordar que se trata de um momento delicado que poderá ser transformado em frustração para uma das partes se mediado de maneira equivocada pelo adulto e sem que os envolvidos entendam a situação e os rumos que o conflito tomou.

Durante experiências profissionais presenciei o surgimento de diversos conflitos entre as crianças e muitas vezes não soube qual seria a atitude correta para ajuda-los a resolver suas divergências. Muitas vezes, no momento de ânsia para resolver os conflitos, observei e também tomei atitudes impensadas que, posteriormente as analisei e julguei incoerentes com questões essenciais como respeito, justiça e acolhimento que precisamos transmitir as crianças. Devido a isso, neste trabalho pretende-se estudar as relações interpessoais para entender como trabalhar e mediar os conflitos de maneira perdurável, de uma forma que possa prevalecer à importância do respeito para a convivência harmoniosa.

Esse trabalho destina-se a todos os interessados em fazer educação e a transformar a sociedade em um lugar melhor para se conviver, mais precisamente aqueles que, assim como eu, são amantes da Educação Infantil e acreditam que as crianças são os principais sujeitos que podem mudar o mundo. É na Educação Infantil que as crianças fazem suas próprias leituras significativas sobre o mundo através das vivências cotidianas e é essencial que nesse processo o professor esteja organizando essas experiências para que os pequenos compreendam a realidade e comecem a construir sentidos e significados pessoais. Devemos entender que a criança é capaz de desenvolver suas possibilidades, de modo a aceitar-se e construir um auto estima positiva onde aprenda a confiar em si, pois a autoconfiança é uma das mais importantes necessidades que a Educação Infantil precisa ajudá-la a satisfazer. O adulto é responsável por mediar essas reflexões inicialmente, proporcionando experiências, vivências, conversas e posturas que auxiliem a criança compreender e refletir sobre si mesmo. Além disso, as relações harmoniosas quando somadas as vivências e a ludicidade são a porta de entrada para realizar a aprendizagem significativa. A Educação Infantil deve ser uma etapa em que as crianças possam decodificar o mundo estabelecendo relações harmoniosas em um ambiente acolhedor e rico em oportunidades de experiências com interações positivas.

Com tudo isso pretende-se, acima de tudo, transformar minha pesquisa em um trabalho que irá nortear minha vida profissional, pessoal e acadêmica a fim de entender com maior ênfase como resolver conflitos na nossa sociedade e principalmente na Educação Infantil.

Afinal, de que maneira o professor deve intervir na mediação dos conflitos de modo a contribuir para o desenvolvimento infantil?

CAPÍTULO 1

Teorias sociais e definições de conflito

Entre diversos significados da palavra conflito, encontramos no dicionário definições como “guerra”, “falta de harmonia”, “enfrentamento”, “choque”, “discussão” e entre outros. Contudo, a melhor maneira de estabelecer um sentido concreto para conflito seria entendê-lo como uma falta de entendimento de ideias e opiniões alheias entre duas ou mais partes na sociedade.

Os conflitos ocorrem desde muito tempo na sociedade humana, e embora atualmente serem considerados algo prejudicial e que devem ser evitados, muitos deles influenciaram, em termos históricos, triunfos e avanços da humanidade pelo mundo.

O conflito aparece junto com a precisão de se fazer uma escolha entre situações que podem ser vistas como incompatíveis. A maioria das ocasiões em que surgem os conflitos são aquelas que contradizem ações ou tomada de decisão entre as pessoas.

O sociólogo Georg Simmel (1964) afirmou que os conflitos são maneiras de relações humanas em que os indivíduos são postos em contato direto entre si, precisam resolver suas diferenças para a partir disso conseguirem alcançar uma harmonia. Esse argumento nos mostra que o conflito impõe que os envolvidos aceitem e reconheçam uns aos outros mesmo que suas ideias e desejos sejam opostos. Além disso, podemos pensar que a ideia de que o conflito é o fim das relações interpessoais

não é exata, e sim que devemos entendê-lo como um ponto de partida para criar vínculos.

A maioria dos conhecimentos sociológicos sobre conflitos tem seu enfoque em conflitos causados por divergências de interesses entre grandes grupos sociais, por exemplo, a ambição pelo poder e riquezas, tentativas de obter prestígio e as desigualdades sociais, desencadearam a formação de grupos sociais divergentes com preocupações e identidades em comum que visavam conquistar suas metas em oposição aos outros e muitas vezes em condições de guerras. Por isso a ideia que temos de conflito é de uma oposição desinteligente e destrutiva.

No caso da teoria marxista sobre conflito, tem foco na ideia dos conflitos de classes e aponta que eles são formados no centro da sociedade e que devem ser vistos como uma prática que desperta e estimula a mudança social. Essa teoria faz relação com o argumento de Simmel, neste caso pensando que mesmo que as classes sociais se encontrem em conflito, há relações recíprocas de dependência entre elas, o que as leva a reconhecer umas às outras e criar laços que os levarão a um “bem comum”.

Por ser essencialmente sociável, o homem sozinho não é capaz de atender suas necessidades fundamentais e nem efetivar seus maiores desejos, por isso se torna dependente da companhia de outros para alcançar tudo isso, assim, desde muito tempo, seu convívio com outros determina a existência de relações interpessoais e sociais. Ele instintivamente é afeito a conviver junto com os demais e a se comunicar com eles, compartilhar experiências, ambições, angústias, afeições e emoções. Dessa forma, enquanto ser social, o homem aprimora suas competências e habilidades quando há convivência e relação com seus pares, e dessa maneira como que em todas as relações surgem os conflitos a partir das divergências entre as

peessoas, trazendo assim a necessidade de resolver as diferenças tanto de forma franca e racional como, na maioria das vezes, através de disputas para fazer prevalecer sua própria vontade na sociedade.

Conforme os estudos feitos por NASCIMENTO e SAYED (2006), os conflitos podem ser separados em duas áreas:

“1- Conflito Social – é de reconhecer que hoje, se vive numa sociedade altamente evoluída do ponto de vista social e tecnológico, mas bastante precária em termos de capacidade para negociações. E a violência tem sido no decorrer da história da humanidade, um dos instrumentos mais utilizados para resolver conflitos.

2- Conflitos Tradicionais – são aqueles que reúnem indivíduos ao redor dos mesmos interesses, fortalecendo a solidariedade.” (2002, p.47)

NASCIMENTO e SAYED (2006) ainda revelam em seus estudos que os existem vários tipos de conflitos:

“ 1- Conflito Latente – não é declarado e não existe uma clara consciência da sua existência.

2- Conflito Percebido – os elementos envolvidos percebem racionalmente a existência de um conflito, embora não haja ainda manifestações abertas do mesmo.

3- Conflito Sentido – já atinge ambas as partes, há emoção de forma consciente.

4- Conflito Manifesto – este conflito já atingiu ambas as partes, já é percebido por terceiros e pode interferir na dinâmica da convivência social.”

Assim como se diferem os tipos de conflitos, também se diversificam as implicações para o desenvolvimento das pessoas e das relações que elas estabelecem na sociedade. Entre os diversos ângulos do conflito, alguns podem ser apontados como negativos e podem aparecer com periodicidade dentro da sociedade, quando os envolvidos não conseguem refletir sobre a melhor solução e passam a se sentir derrotados, inibidos, desinteressados, desmotivados e sozinhos. Porém, quando os grupos envolvidos no conflito impulsionam esforços para solucioná-lo

colocando como possibilidade considerar os objetivos e ideias de outros, ele pode se tornar construtivo e transformar as relações interpessoais para melhor.

Muitos indivíduos veem o conflito apenas de forma negativa, consequente da ação e do comportamento de pessoas ignorantes, associados à agressividade, ao choque físico e verbal e a sentimentos negativos, que são apontados como adverso a boa convivência entre as pessoas e as boas relações dentro da escola. Porém, para entender melhor os conflitos, é preciso ter uma interpretação mais abrangente das diversas possibilidades que existem, porque para muitos a palavra conflito pode ser algo ruim, destrutivo, mas o que não sabem é que devemos considerar a existência de um modo de entendê-los como um fato construtivo para formar cidadãos.

“O conflito é fonte de ideias novas, podendo levar a discussões abertas sobre determinados assuntos, o que se revela positivo, pois, permite a expressão e exploração de diferentes pontos de vista, interesses e valores.” (NASCIMENTO; SAYED, 2002, p.47)

É muito comum encontrar pessoas buscando a qualquer custo evitar que ocorram conflitos, e dessa forma inibem a possibilidade de socialização de ideias diferentes que podem acrescentar questões válidas e convenientes para construção de novos conceitos e de novas relações interpessoais. Uma forma mais efetiva de proceder com os conflitos é percebê-lo como gerador de diferentes opiniões e posicionamentos que podem ser trabalhados a nível de aprendizagem pessoal, abandonando assim a concepção de algo ruim que temos sobre os conflitos.

CAPÍTULO 2

Teorias sobre conflitos na escola

O conflito no ambiente escolar pode intervir de forma significativa o andamento natural da vida do aluno e do professor, podendo vir a se tornar um empecilho para uma aprendizagem significativa e para o desenvolvimento moral entre os mesmos. Alguns exemplos de fontes de surgimento de conflitos escolares são: necessidade de informação, direitos não atendidos, mudanças, ansiedades e medos, luta pelo poder, manipulação, insubordinação, ambiente mal organizado, divergências de ideias e objetivos, desvalorização, divergências culturais e pessoais, opressão, bullying, entre outros.

Freud apresentou uma ideia sobre conflito que dá ênfase na importância da educação na formação dos alunos, afirmando que a educação exerce um papel essencial, de modo que poderá influenciar na construção do seu comportamento social de forma positiva ou negativa. O autor mostra que o conflito não pode ser resumido somente na interação de um indivíduo com o outro, mas também na individualidade de cada um, que foi estruturada no decorrer das vivências que formaram o sujeito.

O objeto gerador do conflito está englobado em cada um e é ativado quando nas relações com outras pessoas e principalmente quando há opiniões alheias as dela, ou seja, cada criança possui suas próprias preferências, opiniões e rotinas, quando em contato com outras pessoas ela está sujeita a ser contrariada em suas particularidades, é então que ocorre um conflito interno na própria criança que deseja que suas vontades sejam atendidas para depois refletir em ações externas.

Dessa maneira, a ideia de resolução dos conflitos deve ser primeiramente trabalhada individualmente em cada pessoa, analisando-os de uma maneira mais ampla em que as crianças possam compreender alguns conceitos sobre respeito e diferenças, entendendo que em uma sala de aula haverá indivíduos com vivências diferentes e consequentemente personalidades divergentes que devem ser respeitadas e discutidas para que a escola se torne um ambiente favorável para todos conviverem sem desvalorizar as particularidades de cada um.

É comum que a criança queira seguir somente o que lhe convém e aquilo que já está acostumada a realizar, desta maneira o sentimento que surge quando é contrariada é o de frustração e irritação, por isso ocorre o conflito, e essa ideia de trabalhar internamente o conceito de respeito é muito importante para que desde pequenos possam aprender a controlar suas emoções e dar possibilidades para diálogos em que consigam expor suas particularidades e ouvir as das outras pessoas afim de juntos chegar a um consenso próspero para todos.

Mediante a tantas definições, Wallon (1998) apresentou que o conflito na Educação Infantil é um problema discutido em muitas escolas e por teóricos da pedagogia e psicologia, e que possui duas comuns interpretações: para o senso comum, é visto como algo perigoso, que pode ser considerado como afrontamento, rebeldia, crise, atos de egoísmo, brigas e agressividade; em outros olhares, o conflito é considerado como uma forma construtiva de desenvolvimento dos indivíduos e de suas identidades que é necessária para a formação da vida psíquica e social das crianças. O autor considera essa segunda interpretação para sua análise dos conflitos, entendendo-os como um movimento principalmente voltado para a preservação e a afirmação do eu que ocorre mediante a distinção das crianças sobre a afetividade, a inteligência e o ato motor (campos funcionais). Essa distinção

acontece através de um ambiente social no qual a criança interage e consegue diferenciar a si mesmo do grupo, buscando construir um eu que lhe seja próprio.

A teoria de Wallon diz que quando nasce, a criança não compreende a diferença entre ela e o outros ou ao que está ao seu redor, esse momento é marcado pela emoção como uma forma de interação da criança com o meio. Apenas através da interação e das vivências com outras crianças, objetos e seu próprio corpo que a criança passa primeiramente a distinguir os que faz parte de si ou não, delimitando seu próprio corpo e formando o eu corporal, depois de um tempo adquire a linguagem, que faz com que possa verbalizar suas descobertas, desejos e criar símbolos. Mas, mesmo depois de adquirir essas habilidades, a criança ainda não tem uma noção nítida de distinção dela e do outro, pois a formação da consciência de si ainda não está acabada e a criança considera o corpo do outro e os objetos uma continuação de si mesma.

É a partir do momento que a criança começa a construir a consciência de si através das suas interações com outras pessoas que ela também consegue estabelecer a diferenciação dela do outro e assim inicia a formação de sua própria identidade, levando em consideração suas opiniões e preferências. Então, a criança que antes não se distinguia dos outros, passa a se opor aos desejos alheios e valorizar os seus próprios fazendo surgir situações de conflitos como a existência de ciúmes, dissimulação e enfrentamentos. Wallon justifica essa manifestação como um processo essencial para a criança conseguir diferenciar o seu eu dos outros. A partir do momento que a ideia de distinção pessoal começou a se desenvolver, a criança passa a olhar para as coisas do mundo.

“[...] O crescimento é, portanto, assinalado por conflitos, como se fosse preciso escolher entre um antigo e um novo tipo de atividade. O que se sujeita à lei do outro tem que se transformar, e perde em seguida o poder de regular

utilmente o comportamento do indivíduo. Mas a maneira como o conflito se resolve não é absoluta nem necessariamente uniforme em todos. E em cada um deixa a sua marca.” (WALLON, 1998, p.29)

Dessa maneira, para Wallon, uma atividade não é extensão da outra, e sim uma reformulação da anterior, onde existe momentos de conflitos que são potencializadores do desenvolvimento infantil porque, conforme o autor, cada mudança de interesse da criança pode afetar suas condutas, e cada resolução do conflito gera uma consequência pessoal para cada envolvido. Por isso tudo, é preciso considerar a importância das emoções e os processos de construção do eu das crianças através do contexto que elas ocorrem, valorizando sua personalidade sem deixar que eles passem a ser egoístas, mas de uma forma que eles saibam se impor, mas também saibam considerar as dos demais, para que não seja necessária uma mudança interna da personalidade do indivíduo, mas sim uma adaptação de ideias nas relações em sociedade para ser conveniente para todos.

VINHA (2003) escreveu que o professor, em sala de aula, encontra frequentemente pequenos conflitos que precisam ser conduzidos da melhor maneira possível pois isso irá implicar nas interações entre os alunos e em seu desenvolvimento sócio moral. Considerando que a escola atua de forma significativa no desenvolvimento e formação moral das crianças, é indispensável que a mesma reflita sobre o modo que estão trabalhando os conflitos pessoais.

Mediante à convivência e experiências com outras pessoas é que a criança constrói sua moralidade e seus valores sociais, por isso essas experiências necessitam ser baseadas na honestidade, justiça, respeito e entre outros valores, para que a criança entenda concretamente seus efeitos e queira adotar essas práticas pelo desejo de se tornar uma pessoa melhor e não apenas por obrigatoriedade. De maneira oposta ao que pensam, os valores morais não podem ser ensinados por intermédio

de palavras ou regras que imponham a moralidade, e sim através de ações e experiências positivas, como vemos na afirmação de VINHA, 2003:

“Para Piaget (1932/1977) o valor moral de uma ação não está na mera obediência às regras determinadas socialmente, mas sim no princípio inerente a cada ação, ou seja, porque elas são obedecidas.”

A teoria piagetiana mostrou que a finalidade da educação deve ser a formação de personalidades autônomas e prontas para cooperar na sociedade, portanto, em seus estudos manifestou a existência de um processo de construção da moralidade que é organizado em três fases universais que são organizados hierarquicamente:

- Pré-moral caracterizada pela anomia: existe o egocentrismo infantil, onde para a criança são inexistentes regras e normas.
- Heteronomia ou realismo moral: fase em que existe uma relação de obediência as ordens de outra pessoa que possui autoridade por considerar isso o correto;
- Autonomia moral: estágio em que há um sentido diferente para as regras, ou seja, os sentidos de aceitação e obrigação para com as regras é entendido como fundamental e recíproco nas relações.

As crianças pequenas se encontram em estágio de heteronomia, ou seja, são obrigadas a obedecer àqueles que elas respeitam e consideram autoridade fazendo que acreditem fielmente que o que é dito por elas é o correto e deve ser seguido. Muitas vezes esse falso respeito é uma mistura de amor e temor, em que a criança passa a recluir as consequências ruins que ela sofrerá caso não obedeça às

ordens e regras estabelecidas pela pessoa de maior autoridade, esse tipo de respeito é chamado por Piaget de respeito unilateral.

Ao entender que nas interações sociais o adulto está tratando a criança com respeito, sem ameaças físicas ou psicológicas e sem nenhuma punição, ela vai abandonando a imagem de autoridade suprema do adulto e começa a compreender que assim como ela está sendo respeitada deve fazer o mesmo, baseando suas relações na reciprocidade, o que é a ideia de respeito mútuo de Piaget.

Quando a criança passa a desenvolver o respeito mútuo, ela vai se tornando capaz de se tornar autônoma, porém isso não significa que ela é independente e livre, mas sim que ela conseguirá sozinha construir princípios e valores oriundos da convivência e saber digeri-los para proceder da melhor maneira seguindo de acordo com os valores morais que ela própria construiu.

Ainda mais importante do que atingir a capacidade de repensar suas próprias atitudes e agir de forma moral é entender os porquês de fazê-lo. VINHA, 2003 afirmou que se:

“decidimos seguir determinada regra por vontade própria independente das consequências externas imediatas, estamos sendo mais autônomos, visto que a obediência à norma é decorrente da compreensão da necessidade da mesma de acreditar e sentir-se obrigado internamente a cumpri-la e não porque temos medo de sermos punidos, de perder o afeto.”

É de responsabilidade do educador proporcionar vivências que desenvolvam a cooperação e a autonomia moral das crianças, vivências que as conduzam a seguir certas normas sem deixar de compreender os motivos e as necessidades de sua existência, para somente então a partir delas surgir a solidariedade e o respeito às outras pessoas. Sendo assim, se torna perceptível que as relações devem se basear na reciprocidade. Assim, fundamentadas nas trocas sociais é que as crianças irão formar suas personalidades e respeito pelos outros,

considerando que as pessoas são diferentes e suas ideias, maneiras de viver e de se comportar devem ser respeitadas para haver uma boa convivência em sociedade. Afinal, a prioridade da educação deve ser formar, a partir das relações interpessoais, alunos:

“que sejam capazes de pensar, refletir e relacionar-se de modo afetivo e cognitivo com as demais pessoas; que se tornem seres humanos dignos, responsáveis, respeitosos, justos e igualitários.” (VINHA, 2003).

Pensando nessa ideia de que o desenvolvimento da criança acontece através das interações e relações interpessoais, Vinha destaca que é inevitável haver conflitos na escola. E por isso os professores precisam entender que o fato de intervir e resolver as situações de conflito (por considerarem as desavenças como algo prejudicial) é uma maneira equivocada de mediação. Conforme a teoria construtivista piagetiana os conflitos, tanto os que ocorrem no interior do próprio indivíduo como nas interações sociais, são excelentes chances para desenvolver ideias de regras e valores essenciais para o desenvolvimento da criança. A ideia de Piaget nos induz a ver que a solução dos conflitos não se resume a somente uma técnica, mas sim uma prática pessoal que envolve localizar, reconhecer e respeitar diferentes pontos de vista.

“No processo de equilibração ou auto regulação, processo esse responsável pela construção de todo o conhecimento e que coordena os outros fatores de desenvolvimento (a maturação, as influências do meio social e as experiências do meio físico), os conflitos internos possuem um papel imprescindível. É por meio dos conflitos que esse processo é desencadeado por dois aspectos fundamentais: a assimilação e a acomodação. É a partir do esforço do sujeito para adaptar-se às circunstâncias novas, à atividade realizada na tentativa de compensar a resistência de um objeto a ser assimilado, que ele vai estruturando o conhecimento. A aquisição de um conhecimento novo não é inata e nem adquirida, mas resultado de construções sucessivas, isto é, de descobertas e de invenções por parte do sujeito. Os conflitos vivenciados pelo sujeito, levam-no a buscar uma nova

ordem interna alimentada e alimentadora da ordem externa, desencadeando um esforço de organização. Quando experimenta um conflito, o indivíduo tenderá a “equilibrar-se novamente” tentando resolvê-lo, assimilando novos elementos que até então, não haviam sido percebidos, reorganizando seu pensamento”. VINHA, 2003.

A autora destaca que os conflitos interpessoais são importantes para o indivíduo desenvolver uma solução cooperativa, de modo a considerar as ideias e sentimentos da outra pessoa ao entender o processo de reciprocidade.

Dessa forma, vemos sob um olhar construtivista, o processo do conflito pode ser um desencadeador para educar, excluindo o fato de que solucionar ou evitar conflitos seja uma maneira correta de agir mediante as interações.

Os estudos de Mantovani de Assis (2010) dialogam com a afirmação de De Vries e Zan de que os conflitos são parte das interações pessoais. Por isso é esperado que dentro de uma sala de aula em que as crianças são livres para se relacionar com os pares, tomar suas próprias decisões, fazer escolhas e assumir pequenas responsabilidades, haja situações de conflitos interpessoais. O preocupante deveria ser uma sala de aula tradicional em que o silêncio predomina e as crianças não interagem uns com os outros, sendo o professor a única figura que toma decisões e faz as escolhas. Mantovani de Assis acrescenta a ideia de que é preciso que o professor tenha uma postura construtivista para aproveitar situações de conflitos em sala como uma ocasião para auxiliar as crianças a entenderem e aceitarem as concepções de outros e desenvolverem soluções que sejam favoráveis para os todos os envolvidos. Fazer esse uso das situações de conflitos pode ser realizada por meio de diálogos com as crianças sobre o problema em questão de modo que a criança possa compreender, com uma linguagem adequada, que a ajude a expor seus sentimentos e desejos e também a entender e ouvir seus pares, a partir disso proporcionar oportunidade para que crianças sugiram suas próprias propostas de

soluções para o conflito. A autora também afirma que a educação construtivista não é a única a ser trabalhada para a resolução de conflitos, mas pode ser somente ela que reconhece o conflito e sua resolução como parte importante do currículo e não unicamente como um problema que deve ser contido.

Na obra de Mantovani de Assis (2010) encontramos o jogo como uma maneira de reduzir o uso da autoridade dos pais e professores do ponto de vista da criança e estimulá-las a se submeterem às regras não como uma questão única de obediência, de modo que o adulto, ao participar do jogo, gera um relacionamento similar com as crianças e abandona o uso da autoridade, promovendo a autonomia das crianças e fazendo com que elas compreendam a ideia de Piaget de respeito mútuo, em que elas são respeitadas e desta maneira passam a respeitar. Durante o jogo o adulto pode estimular as crianças a se tornarem mais conscientes de todas as possibilidades e soluções para o jogo, exercitando seus pensamentos sobre o que será mais adequado e justo para todos os jogadores, levando em consideração a existência das regras. O adulto também pode se manifestar quando as regras não forem cumpridas, e a partir disso iniciar uma conversa em que discuta as regras com as crianças, analisem o que seria justo para todos e cheguem a um consenso. É preciso que o adulto saiba administrar os questionamentos das crianças, de maneira que reflita junto com elas e devolva o questionamento para elas próprias decidirem o que é melhor e através disso, possam identificar formas de participar, raciocinar, comprometer-se, tomar consciência dos seus sentimentos e encontrar uma forma de suavizar suas dificuldades.

As atividades desenvolvidas em grupo são práticas pedagógicas essenciais para auxiliar as crianças a construírem maneiras de resolverem sozinhas

seus conflitos, controlando suas ações e sentimentos sem deixar de considerar, da mesma forma, os dos outros.

Mantovani de Assis (2010) traz orientações importantes sobre práticas na sala de aula sobre conflitos como:

“não fazer pela criança o que ela pode fazer por si própria, não emitir mensagens de solução, encorajar a criança a resolver seus conflitos, utilizar elogios apreciativos, estabelecer juntamente com os alunos as regras que orientam a dinâmica das relações interpessoais”.

CAPÍTULO 3

Impressões de professores sobre os conflitos na escola atual

Vimos que o professor é o principal elemento dentro da sala de aula que poderá transformar os conflitos em soluções positivas e construtivas ou em consequências ruins para as crianças. Por isso me surgiu a ânsia de saber de que maneira os professores estão resolvendo os conflitos dentro da escola e qual a visão desses profissionais quando ouvem a palavra “conflito”.

Para a realização deste capítulo, dialoguei com onze profissionais da área da educação atuantes em escolas privadas e públicas, entre eles, dez são professores e os outros dois estão relacionados a cargos de gestão escolar. Organizei algumas perguntas principais como: “Ocorrem conflitos em sua sala de aula?”, “Em que momentos isso acontece?”, “Como você lida com essas situações?”, “Qual sua opinião sobre os conflitos?”.

As primeiras conversas aconteceram com os profissionais da escola privada. Iniciei a conversa perguntando individualmente a três professores se acontecem conflitos com as crianças da turma em que eles são responsáveis. De modo geral todos, sem exceção, afirmaram que sim, alguns até disseram que acontece em excesso. Notei muitos professores incomodados com a pergunta, nervosos, procurando culpabilizar algumas crianças que, segundo eles, causavam os conflitos, e até mesmo alguns com sentimento de incompetência por dizerem não conseguir prevenir as desavenças. Logo depois, discutíamos em que momentos os conflitos aconteciam. Entre os três, duas professoras de Educação Infantil

responderam que acontecem, na maioria das vezes, nos momentos de brincadeiras livres dentro da sala e no parque em que o professor não está propondo nenhuma dinâmica planejada e eles sozinhos escolhem do que vão brincar. O principal motivo de desavenças retratado foi a disputa por brinquedos, em que duas ou mais crianças querem brincar com o mesmo objeto, porém uma delas já está fazendo o uso e não disponibiliza o brinquedo no momento que o outro deseja, causando choros, agressões físicas e verbais. Depois perguntei como os professores lidam com essas situações de conflitos e diziam que o “jeito” era separar as duas crianças e tentar distraí-las com outros artifícios a fim de desviar o foco do conflito, desta maneira as crianças param de chorar e não causam problemas com os pais. Houve também falas que afirmavam que se os alunos persistissem na “briga”, era retirado de qualquer brincadeira ou atividade que estava sendo realizada para se sentar e “acalmar o corpinho” ou “pensar no que fez” por alguns minutos longe dos outros colegas. Apenas uma professora disse que quando acontecem conflitos procura reunir os envolvidos longe da turma toda para conversar sobre o ocorrido, a fim de entender o que as crianças estão pensando e sentindo, para resolver de uma forma que seja justa para todas as partes. Quando indagados sobre a opinião sobre os conflitos, os professores respondem que são muito ruins, atrapalham e impossibilitam que haja uma harmonia entre a classe “tirando a paz”. Também foi citado o fato de haver queixa dos pais das crianças menores quando seus filhos relatam que houve conflitos na escola, o que, para eles, põe o professor em uma situação ruim e faz com que os pais percam a confiança no trabalho realizado em sala, além de denegrir a imagem do professor até mesmo para a direção da escola.

As outras duas professoras da instituição privada atuam no Ensino Fundamental I. Elas contaram que quase todos os dias precisam “perder” alguns

minutos de aula para conversar com a turma sobre conflitos que acontecem principalmente em momento livres como a hora da entrada, hora do lanche, Educação Física e saída. Uma delas contou que quando o conflito envolve poucos alunos, ela os chama fora da sala e conversa com todos separadamente e depois juntos chegam a uma solução. Mas, a maioria dos professores afirmaram que não costumam perder muito tempo com os conflitos, resolvem de uma maneira em que averiguam quais os alunos que estão “certos” e punem os “errados” fazendo o uso do termômetro de comportamento (instrumento utilizado pelo Ensino Fundamental I que é dividido em verde, amarelo e vermelho que contém etiquetas com os nomes de todas as crianças da sala, utilizado para medir suas atitudes, se ela se comportou bem ao olhar da professora seu nome estará no verde, se suas atitudes desagradaram pouco o nome estará no amarelo, mas se houver excesso de “mau comportamento” o nome estará no vermelho) e assim quem está no vermelho não participa de atividades que envolvam brincadeiras, além dos pais serem comunicados do ocorrido. Um deles completou que não estão suportando a existência excessiva dos conflitos, que este ano “não teve sorte” com a turma e não sabe mais como proceder.

Abordei o tema com a diretora da instituição privada. Ela também se mostrou zangada e saturada quando perguntei se era comum ela ter que resolver conflitos na escola, e afirmando que sim, disse que quase todos os dias algo acontece com os alunos e os professores que não conseguem resolver sozinhos (usando tom irônico) a chamam para solucionar. Completou que acredita ser de responsabilidade do professor manter a ordem e o comportamento dos alunos, visto que ela já possui muitas coisas para se preocupar além de ter que resolver briguinhas de crianças. Após esse momento passei a ter uma ideia maior sobre uma das razões para os professores agirem e considerarem os conflitos maléficos e tentar evitá-los, que é a pressão que

eles sofrem por possuírem rótulos de incompetência/competência baseados na quantidade de conflitos que conseguem resolver ou no comportamento considerado bom dos alunos.

Depois de todas as conversas na com professores da rede particular passei a falar com os profissionais da rede pública. A professora responsável pela direção da EMEI foi a primeira a se manifestar sobre o assunto em uma conversa individual. Ela afirmou que acredita que a teoria não tem relação com a prática, pois aprendeu que o correto seria deixar que os conflitos fluíssem e permitir que as próprias crianças se resolvessem sozinhas, mas que não é isso que ocorre, pois ela e as professoras precisam intervir na maioria das vezes pelo fato de que as crianças elegem a agressão como a melhor forma de se resolver. Contou também que quando ocorrem casos extremos ou repetidamente, os pais são comunicados e convidados a comparecer na escola para conversar com ela e a professora, e acrescentou que quando isso ocorre, “só pela cara e comportamento dos pais” já conseguem entender o motivo da criança estar envolvida com “problemas”, pois tudo que a criança reproduz na escola vem da família. Para concluir, disse que em alguns casos a escola já desistiu de comunicar os pais, e que a solução que eles encontraram é isolar a criança da turma no momento do “chilique” para que ninguém saia machucado. Quando questionada sobre os motivos que levam a haver tantos conflitos nas salas de aula, a diretora afirmou que considera ser falta de limite, completando que “hoje em dia” as crianças não são submetidas a regras e muito menos sabem respeitá-las, e por isso acham que podem fazer o que querem o tempo todo, prejudicando o trabalho da escola que tenta educar.

Conversei com mais quatro professoras da rede pública. Duas delas estavam juntas e afirmaram que os conflitos são muito ruins e impossibilitam o bom andamento dos planejamentos e atividades propostas. Disseram para evitar que

ocorram, deixam as crianças que são mais propensas a serem causadoras dos conflitos próximas a elas para evitar que se relacionem com as outras crianças e “briguem”. Citaram diversos motivos causadores dos conflitos: quando querem um brinquedo que está com outra criança, quando não querem fazer a atividade proposta e querem apenas brincar o tempo todo, quando alguém discorda do que estão dizendo ou fazendo, quando vão para a escola nervosas ou com sono e disputa de atenção das professoras e amigos. Completaram enfim, em tom de brincadeira, que se eu descobrisse a forma mágica para acabar de uma vez com os conflitos para voltar a procurá-las e ensinar como se faz.

Escolhi a entrevista da quarta e última professora de uma EMEI que conversei para registrar. Aconteceu na festa junina da escola que eu estive presente, quando fui apresentada.

Prof. - Você tem certeza que é isso que você quer para sua vida? Se eu pudesse escolher, com certeza eu mudaria!

Considereei uma brincadeira e dei continuidade a conversa para chegar ao meu objetivo.

- Acontecem muitos conflitos em sua sala de aula?

Prof. – Conflitos? Você quer dizer aquelas malcriações que aqueles meninos fazem né? O tempo todo acontece, eu já nem me importo mais, deixo se matarem, porque senão depois quem leva processo sou eu.

Então, incluí mais uma pergunta no meu roteiro.

- O que a senhora quer dizer com “quem leva processo sou eu”?

Prof. – É que eu respondo três processos judiciais de alguns pais de crianças que foram meus alunos que afirmam que eu os agredi fisicamente. Desde quando pegar a criança para evitar que ela continue batendo nas outras crianças é agressão? Todos esses pais são de crianças terríveis que só me davam trabalho, aí quando eu seguro pelo braço para pará-los, sou processada. E ainda um deles relatou que eu grito muito, mas é claro, com 26 crianças agitadas quem consegue falar baixo? Mas foi só isso, eu nunca seria capaz de agredir nenhum dos meus alunos.

- E em que momentos ocorrem os conflitos?

Prof. – Ocorrem quando eles bem querem, qualquer coisa é motivo para eles brigarem e começar a choradeira. Eles brigam até para sentar do meu lado na roda da conversa, mas ultimamente eles brigam muito para ver quem vai brincar de massinha primeiro, porque temos apenas uma caixa de massinha para dividir entre todos.

- Quais atitudes você toma quando ocorrem os conflitos?

Prof. – Como eu já te disse, eu deixo que se resolvam. Tem vezes que se batem, se mordem e se empurram, aí vira aquele chororô. Eles vêm para o meu lado e eu mando beber água para se acalmar, na mesma hora eles voltam pra sala como se nada tivesse acontecido, dá até raiva, por isso que passei a ignorar. Nos casos mais extremos que eles ficam gritando e enchendo minha paciência, eu guardo o brinquedo e coloco toda a turma pra fazer atividade da apostila que a gente tem e acabo com a graça deles. Quando eles não querem fazer o que eu mando, falo que não vão brincar na hora do parque, e eles mudam de ideia e obedecem.

- Qual é a sua opinião sobre os conflitos?

Prof. – Eu acho chato ter que passar por isso, a gente faz tanta coisa, tem a vida tão ocupada, e vem trabalhar para ficar resolvendo briguinha de criança mal-educada. Antigamente as crianças vinham para a escola para aprender, hoje em dia parece que vem para infernizar a nossa vida, não sabem se comportar em sociedade. Ainda bem que já estou para me aposentar, vou cuidar dos meus netos que me respeitam e são educados.

Observamos que os profissionais se encontram incomodados e transparecendo uma certa negligência a respeito dos conflitos, porém não encontramos nenhum registro de tentativa de mudança ou inovação de métodos para auxiliar as crianças nos momentos de divergências. Podemos notar o desejo por sanar os conflitos e evitar que eles ocorram com punições e isolamentos, mas em nenhum momento os profissionais pareciam ter conhecimento sobre a importância de haver conflitos nas relações sociais das crianças.

Machado (2004), diz que o conflito pode acontecer com frequência em situações de oposição por algo entre dois ou mais indivíduos, ou em reações conturbadas ou turbulentas que são popularmente chamadas de indisciplina. No primeiro caso, as situações de crise de oposição podem ser interpretadas como falta de respeito pelo educador e no segundo, nas situações turbulentas, é característico haver um choque entre a posição de autoridade do professor e a atitude dos alunos. Assim, todos esses aspectos fazem com que os conflitos aumentem e as condutas sentimentais aflorem nas instituições de ensino, que é o que ocorre nas salas de aulas que os profissionais relataram nos diálogos, os conflitos acontecem com frequência e através da negligência daqueles que deveriam ser mediadores construtivistas a tendência é piorar as relações e não as aprimorar.

CAPÍTULO 4

Análise dos resultados da pesquisa na escola atual: uma mudança de olhar.

Percebe-se fortemente, diante dos diálogos, que a ideia que trata o conceito de conflito como algo ruim ou prejudicial está inserida fortemente na vida dos professores atuais, todos muito incomodados e fazendo o máximo para evitar que eles ocorram, como se extinguir os conflitos fosse a melhor forma de se fazer a educação das crianças e formá-los cidadãos. É notável nos registros dos discursos de todos os que foram submetidos as perguntas que possuem uma necessidade de responsabilizar algo ou alguém como os alunos, as famílias e até mesmo os professores, como se algumas das partes envolvidas com a educação estivesse falhado e acarretado a situação de conflito.

Os diálogos foram feitos com pessoas de diversas idades, alguns próximos a se aposentar e outros iniciando a carreira na educação e podemos notar a equivalência de opiniões sobre a ideia de conflito. Se torna comum a ideia de conflito ser prejudicial ou equivalente à indisciplina pelo fato de tradicionalmente existir essa concepção desde muito tempo atrás na sociedade, e também pelo fato de muitas vezes os educadores não perceberem que todos são responsáveis por proporcionar uma educação de qualidade independente dos fatores sociais. Por isso, é necessário atentar-se e estar sempre em constante atualização de conhecimento e em busca de novos estudos para que o trabalho pedagógico não se baseie em teorias antigas e tradicionais que não condizem com a realidade de nossa sociedade atual do século XXI.

Afinal, todos os conceitos em concomitância com os resultados atuais que obtemos nos leva a pensar que a sociedade deve mudar o olhar para o conflito e passar a enxergá-lo como uma ótima oportunidade de construção de valores morais e sociais. Dessa maneira, o mediador em sua essência (no caso da Educação Infantil, o professor) deve tornar-se um participante complementar, não somente no momento do conflito, e que além de justo, seja ético e tenha um olhar sensível em suas condutas com todas as partes da comunidade escolar.

A intervenção do professor nas situações conflituosas deverá ser colocada como um meio construtivo de caráter pedagógico, de modo a proporcionar a construção de conhecimentos e ideias morais sobre respeito, cooperação, importância da comunicação, compreensão do outro enquanto pessoa e a necessidade de entendimento das diversas percepções.

Percebe-se que a forma de se fazer educação atualmente precisa de mudanças, e o melhor caminho para atingir melhores resultados é proporcionar práticas pedagógicas destinadas à formação de sujeitos da educação que ajam moralmente dentro e fora da escola, e não somente dentro das salas de aulas por obrigação. A atualização dos conhecimentos pode ser a melhor alternativa para entendermos os conflitos e passar a enxergá-los como mais uma forma de aprendizagem, de uma forma que abandonamos o senso comum e passamos a inserir conhecimentos e práticas educativas que realmente levarão a minimização dos conflitos nas salas de aula.

Se faz necessário, no contexto escolar, desenvolver ações cotidianas que inspirem respeito, justiça, democracia e solidariedade, além de promover valores morais, pois além de ser o esperado para um educador, esses fatores podem complementar as práticas de mediação de conflitos e auxiliar as mudanças das

relações interpessoais e na formação ética das crianças, fazendo com que compreendam a si mesmo e abrangendo as outras com o seu olhar.

Considerações finais

Os autores estudados relataram os conflitos como acontecimentos naturais que devem ser considerados de extrema importância, pois como foi apresentado, é a partir dessas situações que a personalidade da criança poderá ser desenvolvida, e também que irá aprender a ter o autocontrole que a permita pensar na melhor maneira de agir moralmente, antes de tomar qualquer atitude. Nesse contexto, a partir das vivências com os conflitos que as crianças passarão a entender o conceito de respeito com os demais, pois, por meio das trocas de diferentes opiniões ou preferências, que elas vão desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro para que juntos possam refletir e discutir a melhor maneira de resolver a situação que seja conveniente para todas as partes envolvidas.

Por isso tudo, a figura do professor de Educação Infantil é uma peça fundamental para mediar esses conflitos, de uma maneira que permita que próprias crianças desenvolvam um caminho para chegar a solução para o problema em questão. É importante destacar o quão é importante também o professor trabalhar a moralidade e o respeito entre as crianças em situações cotidianas e em suas práticas pedagógicas, pois esses dois conceitos são essenciais para que as elas possam ter autonomia para desenvolver a dissolução de suas divergências futuras.

É esperado que o professor que tem em sua prática valores morais seja tratado da mesma forma pelos seus alunos que, até mesmo pequenos, são capazes de compreender que a pessoa referência dentro de sala de aula é uma pessoa íntegra que deve ser respeitada. No momento do conflito, esse professor mediador se insere na situação para auxiliar a dissolução, os alunos o enxergam com respeito e

consideração que os permitem ouvi-lo e discutirem a melhor maneira de resolver a situação.

Considero, por fim, que todos os educadores e pessoas envolvidas com a educação de crianças pequenas deveriam ter ciência de informações essenciais a respeito dos conflitos, para que elas possam se transformar em algo produtivo. Assim é que, conseqüentemente, poderão influenciar de forma positiva o desenvolvimento infantil, além do fato de educar nossas crianças para que aprendam a conviver da melhor maneira em sociedade.



Referências

ALCÂNTARA JUNIOR, José O. Georg Simmel e o conflito social. Caderno Pós Ciências Sociais – São Luís, v.2, n. 3, jan/jun.2005.

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de PROEPRE: fundamentos teóricos e prática pedagógica para a educação infantil/Campinas, SP: Graf. FE: IDB, 2010.

CORSI, B. R. Conflito na Educação Infantil: o que as crianças têm a dizer sobre ele? 2010. 131 f. dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MACHADO, Gente em conflito S.P, Ed, Atica, 2004.

NASCIMENTO, Eunice Maria. Os conflitos, 2002.

NASCIMENTO, Eunice Maria; SAYED, Kassen Mohamed El, Administração de conflito, 2006.

POLON, Luana Caroline Kunast; POLON, Paulo Henrique Heitor. Sobre igmund Freud e a Educação in A escolarização sob a luz das teorias freudianas, ALFA/Umuarama, 2013.

SIMMEL, Georg (1964). O conflito como sociação. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30, pp. 568-573. ISSN 1676- 8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

VINHA, T. P. (2003). Os conflitos interpessoais na relação educativa. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP.

WALLON, H. A evolução psicológica da Criança. Lisboa: Edições 70, 1998.